

**Relato de Experiência**
**Oficinas de Arte para Afásicos Longevos**


*Ana Célia Soares Gomes  
Suzana Carielo da Fonseca*

**Introdução**

**A**o recuperar minha trajetória de vida me dei conta de que o embrião da prática com as oficinas de arte nasce de meu interesse pessoal pela arte da pintura. Aos sete anos de idade começo a fazer aulas de pintura em um pequeno atelier, mas após sete anos, na época de dar início ao ensino médio, precisei deixar estas aulas para me dedicar exclusivamente ao estudo das matérias necessárias à aprovação na universidade. Passei no exame e cursei Fonoaudiologia na PUC-SP, e só voltei a pintar dois anos depois de haver concluído a graduação e a especialização em Fonoaudiologia, momento de grande reflexão acerca de meu fazer na clínica, que me leva a optar por mais uma formação: a arteterapia, que no meu entendimento, complementaria meus conhecimentos e, assim, a arte passa a ter importância também em minha vida profissional.

Desde o início da clínica estive comprometida em buscar uma fundamentação teórica que respondesse por minha prática clínica. Para tanto era necessário condicionar o estatuto da arte a essa atuação. No trabalho de arteterapia intitulado *Um fazer enraizado* (2002)<sup>1</sup> busco responder a seguinte questão: Qual o estatuto da arte na clínica? Uma clínica interdisciplinar, pois nem fonoaudiológica e nem arte terapêutica, mas resultado da interface entre essas duas. Arte é nesse trabalho definida como “fala”.

Na clínica, essa fala é uma “fala em sofrimento” (Fonseca, 1995) e um modo de captura do sujeito, que afeta o clínico, o qual, sob efeito da mesma, modifica o modo do sujeito estar na fala. É nesse diálogo, em que o sujeito e o clínico são afetados pelo dito e o não dito, que o curso das ações se altera e o que antes era considerada uma “fala em sofrimento” passa a ser possibilidade de fala.

A arte aparece como uma possibilidade de oferecer ao sujeito uma forma de dar “vez e voz” (Fonseca, 1995) aos conteúdos em busca de significação. Foi na psicanálise junguiana que encontrei uma forma de escuta para as produções, mais precisamente nos atelieres conduzidos por Nise da Silveira de 1946 a 1974.

Nesse contexto, começo a escrever e colocar em prática alguns de meus projetos, desde 2009, em oficinas da ONG Ritmos do Coração que utiliza linguagens artísticas para pessoas com deficiência<sup>2</sup>. Em 2010, ao realizar uma dessas ações, fui convidada pela prof.<sup>a</sup> Suzana Carielo da Fonseca a incorporar um projeto para o programa Ponto de Encontro do CAAf.

Iniciei o projeto durante os primeiros quatro anos como voluntária na oficina Entre Histórias e Receitas, tendo sido contratada há um ano para assumir as oficinas de Arte do programa que tem como principal objetivo a inclusão social.

## **O Centro de Afasia**

As oficinas do Centro de Atendimento a Afásicos da Divisão de Ensino e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação (Derdic) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) são voltadas para os afásicos, sujeitos que em função de lesão cerebral, apresentam sintomas na linguagem (oral e/ou escrita). A manifestação sintomática é bastante variável e pode prejudicar tanto a produção quanto a compreensão da fala e da escrita. Essa condição sintomática implica com frequência na marginalização social dos sujeitos, como efeito da perda na linguagem, havendo a necessidade de reincluir esses sujeitos nas redes sociais.

---

<sup>1</sup>Monografia apresentada no curso de especialização em arte terapia da Universidade Potiguar/Alquimy Art em 2002.

<sup>2</sup>Sócia-fundadora da organização. Atuação de 2009 a 2011 como gestora, fonoaudióloga e arte terapeuta. Apresentação no IX Congresso Brasileiro de Arteterapia do trabalho *Atuação do Arteterapeuta em uma organização não governamental*. Esta ONG atende todos os tipos de deficiência.

Uma das formas de garantir o convívio social do afásico é por meio das oficinas, espaços com os dispositivos necessários para a aquisição ou o aperfeiçoamento de um conhecimento que resulta em um produto, mas, também, espaços de oportunidades de convivência, ou seja, são elas uma ferramenta de inclusão, uma vez que há por parte dos falantes uma dificuldade em sustentar o laço social com o afásico.

A formação como fonoaudióloga e a aproximação ao conceito de “vez e voz” tal como elaborado por Fonseca (1995), fundamenta o papel assumido quando da mediação das relações entre os sujeitos nas oficinas com afásicos. O dito deve ser compreendido a partir do ponto de vista de quem o profere, a fim de que o teor de sua mensagem seja assegurado, do contrário, é convidado a insistir até que se faça entender.

É nessa teia complexa de relações que os sujeitos se atualizam em um tempo e um espaço, lógicos, o dito e o não dito ganham “vez e voz”, consciente e inconsciente se entrelaçam e, nesse momento, barreiras são transpostas (relativizam-se valores absolutos) e textos são reeditados. Com isso, os sujeitos têm a oportunidade de ampliar sua visão de mundo, interno e externo, o que os torna mais flexíveis nas relações.

A arte responde por essa plasticidade, na medida em que é, ao mesmo tempo, impressão do sujeito em relação à sua realidade e abertura para novas formas de significar suas relações na vida, tornando-os mais flexíveis em relação à realidade e, conseqüentemente, com seus pares. Essa visão se deve em grande parte à minha formação em arte terapia e à minha filiação aos conceitos de Nise da Silveira, psiquiatra, pesquisadora e precursora da arte terapia no Brasil, cuja clínica é fortemente influenciada pela psicanálise junguiana.

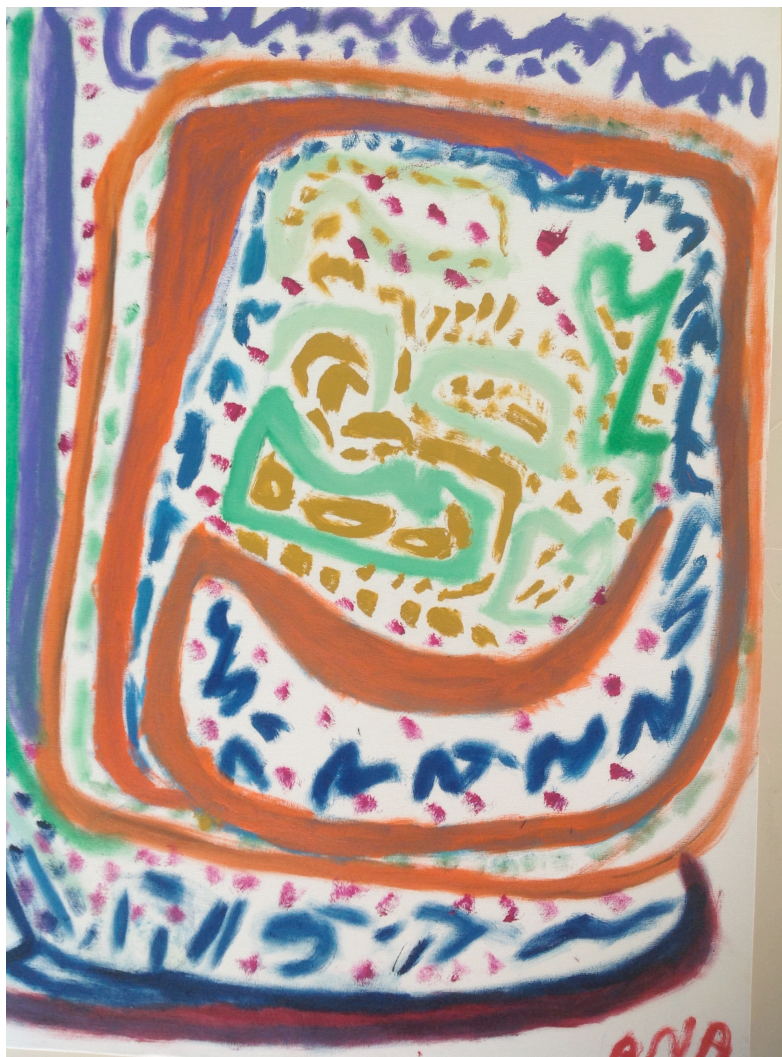
A arte é o mote para que os encontros aconteçam. Nas oficinas de artes, pessoas estão reunidas para fazer arte, pintura a óleo, arte gráfica, e nas oficinas *Entre Histórias e Receitas*, trata-se de arte culinária. E, nas duas, a arte da retórica ou da palavra presente na leitura de histórias, nos depoimentos, relatos de vida são incorporados por meio das conversas ao redor do fogão ou das telas, já que os encontros acontecem em círculo, em torno da mesa ou do fogão, formação que proporciona a interação do grupo de oficina.

Embora a questão estética não seja o alvo principal das oficinas, é importante considerar as expectativas dos integrantes em relação à apreciação de seu trabalho, pois este sentimento interfere na edificação de valores positivos em relação à própria imagem e, conseqüentemente, na forma como o mesmo se relaciona com os demais.

As regras são transmitidas aos integrantes das oficinas na medida da necessidade, e caso haja interesse em transgredir a regra a atitude é estimulada, porque na maior parte dos casos a arte se revela por uma quebra das regras, mais do que pela sua fidelidade. Assim, cada trabalho é visto na sua singularidade e é por ela que se dá autenticidade à produção, sempre

única, e que revela o momento vivido, atualizando o que passou com vistas ao futuro, porque é tradução de um mundo eternamente novo, um retorno ao passado que se abre para um porvir.

Encontro nessa forma de pensar a arte semelhança com a visão junguiana de que a arte é fruto da “ativação inconsciente do arquétipo” como “possibilidades herdadas para representar imagens similares, são formas instintivas de imaginar. São matrizes arcaicas onde configurações análogas ou semelhantes tomam forma” (SILVEIRA, 1997, p. 68).



A produção do artista é o resultado de suas relações com e no mundo. Portanto, sua arte catalisa e revela a sociedade na qual o mesmo está inserido. Quanto mais são postas em movimento as imagens, ou seja, quanto maior o número de relações entre sujeito e mundo, mais exposto ele está ao processo de individuação<sup>3</sup> e, quanto maior a individuação do sujeito melhor ele se relaciona em sociedade.

<sup>3</sup> Aprofundamento por meio do “confronto consciente e inconsciente, no conflito é que diversos componentes da personalidade amadurecem e unem-se numa síntese, na realização de um indivíduo específico e inteiro” (SILVEIRA, 1997, p.77).

Nas Oficinas de Arte o que se produz são telas de pintura a óleo e nas Oficinas Entre Histórias e Receitas são produzidos pratos e, junto a eles, se saboreiam histórias. Nesses espaços são produzidos saberes que resultam em um produto e constroem-se laços de amizade entre os sujeitos, no caso, afásicos longevos.

As Oficinas de Arte, nesse projeto, contemplam três áreas: as artes gráficas - com o título de pinturas; a arte literária - no título, histórias; e a arte culinária - conhecimentos relacionados com o preparo de receitas, com o título de alquimias. A aquisição do saber específico acontece a partir de um desejo individual ou do grupo. Ao longo do processo é feito um levantamento dos principais interesses, depois é feita uma pesquisa e os dados levantados são transmitidos para o grupo. Essas ações envolvem atenção voltada à investigação e troca de conhecimentos entre os integrantes antes, durante e após o processo de produção.

A escolha da pintura, como mote para os encontros na oficina de artes, tem além da função de ser o motivo para a reunião, a crença de que o símbolo tem a capacidade de projetar conteúdos internos profundos com grande poder transformador e libertador. Nos detalhes do grafismo podemos ver as marcas individuais tão pessoais como as impressões digitais.

Por meio das histórias - incluem-se também as letras de músicas - o conhecido aparece como novo. Em cada texto algo novo é revelado, pois diversas são as formas e os modos de dizer algo sobre um determinado assunto. Rouanet, apoiado em Benjamin (1994), assinala que na arte de narrar “o oleiro deixa a marca de sua mão no vaso de argila...” (1981, p.50). O contador de histórias cria uma ponte entre passado e presente, indivíduo e tradição, passado individual e coletivo, intercambiando experiências. As narrativas são uma oportunidade de identificar e reconhecer sentimentos e acontecimentos vividos nas histórias pessoais dos sujeitos e dos povos, extremamente necessárias na edificação da sabedoria dos mesmos.

Na arte culinária a mistura dos ingredientes numa alquimia dos sabores confere às receitas uma marca pessoal ao alimento. Por meio de uma receita pode-se conhecer a cultura de um povo e um pouco de sua história. E, ao saborear, é possível desnudar todos os ingredientes de um prato, usando três de nossos sentidos, o olfato, a visão e o paladar.

No processo de criação subjazem todas as formas de relação do homem com o mundo, processo que se evidencia nas oficinas quando ao fazer uma receita o sujeito abre-se à possibilidade de buscar outras composições possíveis, ou quando na pintura cores e gravuras são alteradas de acordo com o desejo do artista. Afinal, é ele o protagonista nas oficinas.

### **Os artistas**

Essas oficinas são formadas por afásicos. O afásico é um falante constituído de uma língua que experimenta na fala e ou na escrita uma dificuldade em se

sustentar nessa posição. Isso porque o que produz não é reconhecível, tanto por ele, quanto pelas pessoas que fazem parte de sua comunidade linguística. E, para que o diálogo aconteça, é necessário que haja investimento, ora em compreender, ora em ser compreendido, já que, a nova condição de falante é bastante diferente da que sustentava antes da lesão cerebral.

O fragmento extraído do livro *De Profundis, Valsa Lenta*, de José Cardoso Pires (1997), traz o relato do drama do autor, vítima de uma afasia transitória<sup>4</sup>, que pode fornecer ao leitor algum entendimento em relação a essa situação sintomática. “Espantoso como bruscamente o meu eu se transformou ali noutra alguém, noutra personagem menos imediato e menos concreto [...] eu tinha-me transferido para um sujeito em terceira pessoa [...] Ele, o Outro. O outro de mim”.

Os integrantes sustentam a posição como intérpretes das falas que lhe são dirigidas, o que garante a troca dialógica no grupo. E, noto que o fato de todos estarem abertos ao tempo necessário para que a fala seja entendida diminui a angústia para o diálogo. Utilizam a gestualidade e escrita quando a mesma está preservada para que se façam entender. Alguns apresentam alterações no ritmo da fala, outros estereotípias verbais.

### Considerações Finais

Nas oficinas, a arte tem o potencial de abrir a possibilidade de dizer sem utilizar a voz ou a escrita. Narrativas – inclusive as que dizem respeito a textos subjetivos – podem ganhar forma e fluxo, rompendo a barreira do silenciamento e, nesse sentido, são, para o afásico, uma oportunidade de fortalecer o enfrentamento dos efeitos subjetivos e sociais que lhe são impostos pela sua condição sintomática.

Por se tratarem de grupos, pela convivência tem a oportunidade de desenvolver laços sociais, baseados em valores humanos, como cooperação e respeito. Em cada oficina vivenciam-se troca de informações através dos relatos de experiências, espaço que se abre para a vivência da cidadania e da autonomia em suas vidas.

### Referências

BENJAMIN, W. “Magia e técnica, arte e política”, em *Obras escolhidas*, vol. I. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CHAUI, M. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

FONSECA, SC. *Afasia: a fala em sofrimento*. Dissertação de Mestrado em Linguística - LAEL PUCS P. São Paulo, 1995.

---

<sup>4</sup> A afasia transitória é um quadro no qual, por efeito da plasticidade cerebral, há melhora espontânea e a pessoa volta a sustentar a posição de falante que tinha antes do AVC.

\_\_\_\_\_. *O Afásico na Clínica de Linguagem*. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – LAEL PUCSP. São Paulo, 2002.

\_\_\_\_\_. LIER-DEVITTO, M.F., LANDI, R. Vez e a Voz na Linguagem: O sujeito sob o efeito de sua fala sintomática. *Revista Kairós – Gerontologia*. São Paulo, v. 10, n. 1, p. 19-34, jun. 2007.

LIER-DEVITTO, M. F. OLIVEIRA, M. T. *Afasia: Atendimento Clínico, Inclusão Social e Atenção à família*. Brasília, DF: Artgraph, 2015.

MUCIDA, A. *Escrita de uma memória que não se apaga. Envelhecimento e Velhice*. São Paulo: Autêntica, 2009.

OSTROWER, F. *Acasos e Criação Artística*. 2ª ed. São Paulo: Editora Campus, 1995.

PIRES, J.C. *De Profundis, Valsa Lenta*, Rio de Janeiro, RJ: Editora Bertrand Brasil, 1998.

ROUANET, S.P. *Édipo e o Anjo*, Rio de Janeiro, RJ: Tempo Brasileiro, 1981.

SILVEIRA, N. *Jung, vida e obra*. São Paulo: Editora Paz e Terra S.A., 1997.

TURATO, E. R. Métodos Qualitativos e Quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus de pesquisa. *Revista Saúde Pública*. São Paulo, 2005, p. 507-14.

*Data de recebimento: 29/06/2016; Data de aceite:09/08/2016.*

---

**Ana Célia Soares Gomes** - Fonoaudióloga e arte terapeuta. Mestranda em Gerontologia (PUCSP). Atuação como autônoma em clínica particular desde 1995 e nas oficinas desde 2009. E-mail: [soaresanacelia@hotmail.com](mailto:soaresanacelia@hotmail.com)

**Suzana Carielo da Fonseca** - Fonoaudióloga. Mestre e Doutora em Linguística (LAEL/PUC-SP). Docente do Departamento de Linguística da PUC-SP e do Mestrado em Gerontologia da PUC-SP. Fonoaudióloga e Pesquisadora do Serviço de Patologia da Linguagem e Coordenadora do Centro de Atendimento ao Afásico de Divisão de Educação dos Distúrbios da Comunicação (DERDIC- PUC-SP). Pesquisadora do Núcleo de Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem e do Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (NEPE). E-mail: [suzfonseca@ig.com.br](mailto:suzfonseca@ig.com.br)